

REVISTA TRICERATA

Dezembro 2020

Vol. 01 N° 02



AMAZOFUTURISMO



EDITORA CYBERUS

ÍNDICE

- 04 EDITORIAL
- 06 ERRAMOS
- 07 ENTREVISTA
Com o ilustrador João Queiroz
- 10 AMAZOFUTURISMO
A arte do impossível
- 14 AMAZOFUTURISTAS EM SURGIMENTO
- 16 RESENHA
"Lampião Elétrico"
Blog Lupoetizando
- 18 CONTO
"Sistema Amary"
de Duda Rodrigues
- 25 PÁGINAS QUEER
O fantástico mundo lésbico
- 32 NOVIDADES E LANÇAMENTOS



EDITORA CYBERUS



REVISTA TRICERATA

EDITORIAL

A Revista Tricerata chegou!

Uma revista bimensal exclusivamente digital de fantasia, ficção científica e horror. A revista traz o melhor destes três gêneros da literatura fantástica em colunas e conteúdos singulares, desde entrevistas com autores a novidades da editora.

Esta segunda edição traz uma entrevista inédita com o ilustrador João Queiroz, além de duas matérias sobre o subgênero inteiramente brasileiro: Amazofuturismo.

Agradecemos ao Menkell Rodrigues pelas *threads* no Twitter sobre o subgênero, além, é claro, de ter colaborado com a seleção de contos para esta edição. Obrigado!

Nesta segunda edição, convidamos a escritora Priscilla Bacellar, autora de *Hexágono*, para falarmos de representatividade lésbica na literatura fantástica. As convidadas da vez foram Daniele Salemme, Rafaella Vieira e Clara Gianni.

Lucas Lorrان

Maurício Coelho

A Revista Tricerata é uma publicação independente.
Ajude-nos curtindo as redes sociais da editora.
Acesse pelas imagens abaixo:



EXPEDIENTE

Fundador:

Maurício Oliveira Coelho Marques

Editor-chefe:

Maurício Coelho

Equipe editorial:

Lucas “Havoc” Suzigan, Lucas Lorrان e
Marinilce Oliveira Coelho

REVISTA TRICERATA

Editores:

Lucas Lorrان e Maurício Coelho

Capa:

Lii Francisco

Design e diagramação:

Ana Ferreira

Todas as imagens utilizadas nesta revista são imagens livres de direito.

REVISTA TRICERATA. Vol. 1, ano 1, nº 2. Pode ser baixada gratuitamente no site da Editora Cyberus. **Periodicidade:** Bimensal.

ERRAMOS!

Na primeira edição da coluna Páginas Queer, o autor Breno Torres respondeu suas perguntas por áudio, e infelizmente os nomes de duas autoras que ele citou e indicou foram escritos de forma incorreta. O colunista Lucas Lorrان pede desculpas e corrige os nomes das autoras, são elas Clara Gianni e Maria Eloise Albuquerque.



ENTREVISTA COM O ILUSTRADOR JOÃO QUEIROZ



J. Queiroz - Illustrator

<https://q1r0z.artstation.com>

<https://www.instagram.com/q1r0z>

<https://www.twitter.com/q1r0z>

1- Então, começa te apresentando e contando pra gente como surgiu teu desejo pela arte?

O meu nome é João Queiroz, sou rondoniense, porém moro há quase 20 anos em Florianópolis. Sou formado em Design pela Universidade Federal de Santa Catarina. Eu comecei a desenhar, porque eu não prestava muita atenção nas aulas, então eu

preferia ficar rabiscando personagens e histórias em quadrinhos nas folhas dos meus cadernos e apostilas. Cresci lendo mangás. Eu tinha alguns amigos que também gostavam e nós ficávamos inventando histórias dentro e fora da sala de aula. Quando chegou a hora de escolher um curso, a única opção que parecia fazer sentido para mim na época era design de animação, um curso que tinha aberto recentemente. Lá foquei em animação e depois de me formar resolvi enveredar pelo caminho da ilustração.

2- Tu és ligado em redes sociais pra divulgar tuas ilustrações?

Essa é a minha maneira principal de divulgação e foi como as pessoas conheceram e ainda conhecem o amazofuturismo. Uso principalmente o Instagram e o Twitter para isso. O meu nick é @q1r0z.

3- Pensando em inspiração, quem te influencia?

Existem alguns artistas que têm trabalhos tão inspiradores para mim que eu preciso revê-los de

tempos em tempos para me motivar. Eles são o Sergio Toppi, Evan Cagle, Takehiko Inoue, Sergey Kolesov, Jakub Rebelka, Benedykt Szneider, Faraz Shanyar, Jen Zee, Nishio Nanora, Fred Augis, Casper Konefal, N. Kayurova e a Svetlana Dmitrieva. Também gosto dos trabalhos do Leyendecker, Frazetta, Mucha e Klimt.

4- Como surgiu a ideia do Amazofuturismo?

Ele começou como um experimento estético. No início eu só queria criar um ou dois desenhos no estilo cyberpunk e com elementos da cultura brasileira. No meio das minhas pesquisas encontrei o solarpunk e isso me inspirou também. Também foi uma forma de afirmação étnica, já que eu nunca tinha visto o povo caboclo e indígena do Norte serem inseridos na ficção científica. A partir disso, comecei a brincar com os conceitos de alta tecnologia, povos originários e integração com a natureza e o amazofuturismo foi se formando.

5- Como surgiu o nome do subgênero? Por que Amazofuturismo e não Amazopunk?

Ele apareceu como sugestão de um usuário do Reddit, pois o nome

original que eu dei para o projeto era Silvifuturismo, derivado do termo "silvícola". Depois me explicaram que o termo "silvícola" era um termo que caiu em desuso faz tempo.

6- Algum conselho para quem está começando a escrever sobre o subgênero?

O amazofuturismo ainda é terra incognita, então quem sabe como ele irá evoluir a partir da contribuição de vários artistas com perspectivas diferentes? Acho que a única coisa que deve se manter em mente é o respeito e a valorização das culturas dos povos originários.

7- Algum conselho para quem está começando agora ou tem dúvidas sobre a carreira de ilustrador?

Entenda que você vai precisar dedicar alguns anos da sua vida para melhorar. Você irá errar bastante, só que todo desenho ruim que você faz possui uma lição. Se possível, faça um curso, por mais curto que ele seja, online ou não. Algumas poucas aulas de um professor podem lhe economizar alguns meses ou anos de erros e acertos. O mais importante é a persistência. Estude a história da arte, derrube os seus preconceitos, se abra para ideias diferentes, estude

de perto o trabalho dos seus artistas favoritos, treine o seu desenho imaginativo. De vez em quando olhe os seus desenhos antigos e perceba como você evoluiu.

Dito tudo isso, eu não gostaria de vender um papo de coach quântico 100% empreendedorzão. A realidade é que vivemos em um país capitalista dependente periférico no meio de uma crise econômica e sanitária mundial. O neoliberalismo avança na esfera política e isso tem consequências no mercado de ilustração também: menos direitos trabalhistas; menos programas do governo de incentivo às artes; mais pessoas disputando um número decrescente de vagas. Falando daqui

do meu ponto de vista, não posso dizer que a ilustração é algo que vai te trazer rios de dinheiro, a não ser que você consiga trabalhar para grandes empresas e revistas ou se você tiver um mecenas. Eu ainda estou na batalha para tentar me estabelecer nesse mercado. Então, se você perceber que está difícil para você, não ache que você está sozinho ou sozinha nessa. Tem muita gente na mesma situação. Reflita se você está preparada ou preparado para enfrentar isso. Se estiver, nunca perca o foco dos seus objetivos. E paciência: com você e com o processo de aprendizado.



AMAZOFUTURISMO, A ARTE DO IMPOSSÍVEL

Inaê Diana Ashokasundari Shravya

Anarquista solarpunk, xenofeminista, vegapunk, transdutora, filósofa e ativista transgênero. Escreve e traduz textos relacionados ao movimento anarquista para o blog do IEL (Instituto de Estudos Libertários) e escreve e traduz textos sobre temas variados para o blog Resista - Observatório de Resistências Plurais.



Existe um trecho da música *índios*, da banda Legião Urbana, que diz o seguinte: “o futuro não é mais como era antigamente”. Desde o surgimento de obras do gênero de ficção científica cyberpunk¹, o futuro de fato tem se tornado um tanto obscuro. Sua diegese nos conduz para

¹ Cito o cyberpunk por ele ser a distopia mais conhecida atualmente. Mas a distopia não é particularidade sua. H.G. Wells também possuía uma visão distópica sobre o futuro, como é possível de se ver no seu livro *A máquina do tempo*, onde a humanidade do futuro se divide em Elohim e Morlock. Ou mesmo a obra *O último homem*, da Mary Shelley.

um cenário catastrófico e inevitável, onde a elite e a classe trabalhadora se tornaram profundamente separadas (verifique onde mora a elite no filme *Blade Runner*, a maneira como ela existe distanciada da classe trabalhadora, que vive em meio à sujeira), crises ecológicas e aquecimento global se intensificam, racismo e sexismo se tornam mais fortes. Inclusive a força de trabalho humana passa a ser força de tração, como pode ser observado no episódio *Fifteen million merits* (“Quinze milhões de méritos”) da série *Black Mirror*, um episódio por sinal bastante emblemático: o movimentar-se sem sair do lugar é parte essencial da atmosfera melancólica e derrotista da distopia.

A suposta inocência desse tipo de literatura esconde a conformação da mentalidade humana a um futuro obscuro, mecanicista e miserável. É pelo despojamento dum futuro do imaginário - despojamento este que vem

acompanhado da miséria da imaginação - que se consolidam condições para o futuro já presentes no presente, as quais podemos chamar de “futuridades”. É pela captura dessas futuridades que se consolidam projetos ideológicos. Aqui, claro, me refiro ao sentido mais amplo de ideologia, não ao de mascaramento do real.

Não é de se surpreender que o derrotismo tenha ganhado cada vez mais adeptos nos últimos anos, que preferem acreditar em coisas como ecofascismo e punição divina, além da retomada do malthusianismo, que pode inclusive ser percebida na figura do personagem Thanus, do filme Guerra Infinita.

Contudo, há aquela parcela da literatura - que, seguindo a definição criada por Deleuze, poderíamos denominar “literatura menor” da ficção científica - que, como certa vez escreveu o revolucionário africano Thomas Sankara, “ousa inventar o futuro”. Isto mesmo. Ousa inventar o futuro, ousa tomar os meios de produção do futuro - as futuridades - contidas no presente. Estou me referindo, para além de qualquer obviedade e suas armadilhas, ao amazofuturismo.

Genealogicamente, o amazofuturismo pode ser vinculado ao solarpunk e ao afrofuturismo. A

imagem que costuma ter do futurismo é aquela proveniente dum certo racismo epistêmico que coloca os países europeus sempre numa posição privilegiada, isto é, em primeiro plano: o futurismo italiano de Marinetti, que possuía laços estreitos com o fascismo italiano. Claro, esse imaginário opera em alguma medida de forma a destituir o pensar sobre o futuro. Pensar sobre o futuro, longe de ser uma mera idealização, corresponde a um pensar sobre o presente, sobre como nos tornamos o que somos e como criaremos condições de possibilidade para nos tornamos outros. Também cabe dizer o futurismo do amazofuturismo não possui relação alguma com o futurismo do Elon Musk.

Façamos brevemente uma imersão no imaginário amazofuturista: habitações semelhantes ao estilo de arquitetura orgânica apresentado por Javier Senosiain alimentadas por energia solar; drones sobrevoando, regando ou semeando florestas em vez de mirar e atirar; a internet das coisas deixa de ser uma realidade confinada nos concretos de condomínios para se tornar uma biotecnologia presente em árvores, o que possibilita não só as árvores informarem sobre possíveis desmatamentos, como também prover alimentos sempre que necessário. Impressoras 3D se tornam

parte importante da rotina; como não há o investimento em tempos de pesquisa sobre equipamentos bélicos, o tempo passa a ser dedicado a outras pesquisas, como as impressões de órgãos 3D a partir das células do próprio paciente, o que evita a recusa do órgão pelo organismo; a metafísica da escassez é abolida pela possibilidade das impressoras 3D produzirem alimentos dos mais variados e nutritivos, bastando apenas uma única célula para que os alimentos sejam produzidos; é o fim das indústrias, assim como da exploração tanto da mão de obra humana, quanta de animais não-humanos, cuja convivência - no sentido forte da palavra - passa a ser mais próxima no contexto das sociedades amazofuturistas. A hierarquia e a divisão sexual já não fazem sentido, tanto o gênero quanto a sexualidade se tornam fluidos, desassociados do determinismo biológico proveniente da sociobiologia, a mesma que fundamentou preceitos racistas nas sociedades após o século XIX com uma suposta cientificidade - ou melhor dizendo, cientificismo, a religião dos cientistas que invejam a condição de líderes religiosos e, como bem advertiu o filósofo Bakunin, apartam a ciência da vida, tornando-a fria, mecânica e estéril. Ciência e vida dançam juntas

nas sociedades amazofuturistas, e estas se tornam referência para a terraformação doutros planetas.

A escrita sobre o afrofuturismo com os verbos conjugados no presente serve para que nos atentemos: se há dez anos essas fossem projeções nossas, talvez estivéssemos próximos de realizá-las, ou mesmo as realizando. Contudo, é o sentimento de derrotismo o que tem nos conduzido ao agravamento do aquecimento global, destruição de florestas, incêndio dum museu importante para a compreensão da nossa história, aumento nos casos de feminicídio (cis e trans) e homofobia, racismo, levantamento de fronteiras cuja existência não pode ser outra coisa que absurda, aumento da miséria, fome, pandemias, doenças respiratórias, investimento cada vez maior em equipamentos bélicos - no contexto brasileiro, em torno de 9 bilhões, se não me engano, foram desviados de investimentos na saúde para a compra de navios de guerra. Não era exatamente isso que o cyberpunk preconizava como sendo característica do futuro? Pois é hora de confiarmos no amazofuturismo, na sua capacidade de ensaiar uma mudança radical do futuro, isto é, do presente! O imaginário utópico

do amazofuturismo pode muito bem se tornar heterotópico, fertilizar de tal forma o imaginário, que as desgraças se tornem absolutamente intragáveis para nós enquanto espécie. Este é o tipo de confiança que eu particularmente deposito na literatura amazofuturista, claro, transversalizando outros temas, mas que de alguma forma se encontram com o amazofuturismo. Talvez se Marie Louise Berneri estivesse viva hoje, ela teria acrescentado o amazofuturismo em seu livro *Journey through Utopia*, tamanha a importância de sua existência nos dias atuais, onde tudo parece desprovido de esperança, de apoio mútuo, de confiança, de alma - pensar como, neste sentido, o amazofuturismo se torna um pesadelo para o arquiteto Le Corbusier, cujo brutalismo tem sido a motivação da presença vez mais intensa e sufocante do concreto e do cinza.

a tradução dos ímpetus da vida que os poetas antropofágicos foram incapazes de traduzir - talvez por não terem se alimentado dos guerreiros que ao longo do colonialismo e do genocídio lutaram pela vida. Talvez se diga que não passa de fantasia, mas, para quem bem conhece a literatura, a sua força, é sabido que o romantismo movimentou nações, Victor Hugo animou rebeldes, Joaquim Nabuco fomentou abolicionistas, Lima Barreto atiçou a inquietação nas almas de homens e mulheres.

Não é espanto algum que o amazofuturismo pareça algo impossível hoje. O possível é inscrito em nós como possível pelo imaginário social. O neoliberalismo tem nos esterilizado forçadamente, morcelado a nossa imaginação. Não à toa o cyberpunk parece possível ou mesmo uma realidade inevitável. É preciso seguirmos o conselho de Murray Bookchin² e considerarmos que, se o amazofuturismo parece impossível, tratemos de fazer o impossível.

A existência do amazofuturismo é um manifesto pela vida em suas mais variadas formas. Um manifesto que pulsa com os batimentos cardíacos e acolhe apaixonadamente os olhos de quem o lê. O amazofuturismo é o sonho não decifrado de Macunaíma,

Um conselho que eu particularmente dou é: leia sem moderação.

² Murray Bookchin (1921 -2006), foi um historiador e investigador anarquista, fundador da ecologia social. Ele escreveu um livro em 1971 - ainda sem tradução para o português - chamado *Post-scarcity anarchism* (Anarquismo pós-escassez).

AMAZOFUTURISTAS EM SURGIMENTO

Lucas Castanha



Músico autodidata, compositor e ilustrador. Iniciou sua carreira musical aos 14 anos. É um dos membros fundadores da banda psicodélica Steamy Frogs. Em 2017, iniciou sua carreira como ilustrador, passando pelo afrofuturismo e amazofuturismo. Participou de festivais e exposições importante para o cenário da arte visual em Belém.

*Instagram: castanha.art
Facebook: Lucas Castanha Art.*

Como ilustrador, conheci o Amazofuturismo através de pesquisas e práticas artísticas pessoais feitas acerca do Afrofuturismo, movimento que, visto de uma ótica geral, traz motivações e ideais semelhantes ao conceito amazônida, porém com este sendo desenvolvido e propagado pelo mundo há mais tempo, fazendo com que sua popularidade venha alcançando uma quantidade bem maior de adeptos e seguidores do conceito, provavelmente pelo simples fato de, um abranger pessoas pretas por todo o globo, e o outro representar etnias e culturas de um povo localizado numa região específica do mundo, que é a Amazônia.

Nesse comparativo, o conceito amazônida-futurista ainda passa no momento, por uma fortificação entre seus próprios adeptos nas diversas áreas de arte e cultura inseridas nele, para que a partir de então seja construída a história de sua propagação em maior escala em sua região de origem e assim sucessivamente.

Não à toa, em uma das ferramentas mais populares da atualidade, que é o uso das "hashtags" em redes sociais, pude encontrar pouquíssimos materiais de ilustração envolvendo o conceito. Sendo esta própria matéria da

revista Tricerata, até a data de sua publicação, um desses materiais raros que encontramos na internet e fora dela.

A partir de minhas pesquisas casuais que se iniciaram por volta do início de 2018 (pouco tempo atrás, evidenciando o quanto o movimento ainda dá seus primeiros passos), conheci trabalhos de artistas paraenses que muito me influenciaram no resgate dessa ancestralidade, que implora por reconhecimento e representatividade, e além, pede por uma constante renovação e sobrevivência.

Entre estes artistas, posso citar e recomendar os trabalhos de: Mael Anhangá (ilustrador, tatuador e músico); Liv Malcher (ilustrador); Murilo Savage (ilustrador, tatuador e músico); Enarê (artesã) e Theo Soares (ilustrador e tatuador).

Particularmente não sei ao certo se estes se consideram artistas "amazofuturistas", porém seus trabalhos já trazem de uma maneira natural, a necessidade de se pensar e viver uma Amazônia sustentável e que valorize seus povos, seus sons, sua culinária, sua medicina, e tudo o que um dia já foi ameaçado de extinção tal qual nossa flora e fauna.

Em meu próprio trabalho ainda não foco especificamente no conceito em questão, pois através de estudos do já citado Afrofuturismo, da Arte Visionária, Geometria Sagrada e Psicodelismo, tenho encontrado técnicas e abordagens que podem ser incorporadas nas minhas ilustrações amazofuturistas.

A pesquisa, produção, e propagação sendo fortalecida, torna

indispensável que mantenhamos a consciência de estarmos trabalhando na conservação de um sentimento de pertencimento, à um lugar que fora negado à força a quem o pertencia. Digo "lugar" em um sentido principalmente cultural, e não somente territorial.

Cada artista traz sua estética própria e assim deve se comportar o movimento de uma maneira geral, com cada produção tendo suas especificidades e universos.

Ao passo que, esse sentimento é simultâneo e intrínseco, se transforma em luta e criatividade, conseqüentemente, em arte amazofuturista, e cada representante do futurismo amazônida, deve funcionar como comunicador do resgate e manutenção de um orgulho, das necessidades, e das demandas do povo e território ao qual pertencem.



RESENHA

"Lampião"

Por Luísa Novaes (lupoetizando)

A resenha desta edição é da obra do arapiraquense Cárliston Galdino, Autor de "Chuva Estelar", livro que reuniu cerca de cinquenta poesias a maioria sonetos, também produziu dois romances "Marfim Cobra Sibilo da Justiça" e "Guerreiros do Fogo". O autor é amante da Tecnologia é Produtor de Software Bacharel em ciências da computação, e se amarra em RPG e olha, amigos, ele domina bem o assunto. Também é membro da Academia Arapiraquense de Letras, poeta, contista, romancista.

Suas obras de literatura de cordel já passam de cinquenta. Dentre elas: "Visita de Lampião Elétrico".

A obra traz uma narrativa de história futurista, a imaginação do autor vai além do futuro, o ano é 2.208, a história corre Brasil e espaço afora. O autor traz uma releitura criada exclusivamente a partir da verídica história de Lampião que está presente em tempo integral em seu cangaço cultural virtual, transportando personagens e leitor para um futuro divertido, moderno e cultural, em uma narrativa onde eu gostaria que o próprio Lampião estivesse vivo para assim ler.

*"Ainda tinha planeta
Tinha gente pelo espaço
Tinha mundo virtual
Exploração e cansaço
Religião e polícia
E ainda "tinha o cangaço"*

O autor disserta uma linguagem de cordel bem modernizada e prazerosa, trazendo para o leitor um estímulo imaginativo sem igual, desde a descrição dos trajes modernos do rei do cangaço, aos relatos de uma realidade social de uma família de personagens. (Elizaebeth Zapeira, Sua filha Wave, Joel o esposo e pai de família, Mel o gato robô, além de Lampião e Miss Maria). Adorei os nomes!

A residência da família era no meio do céu, mas não se trata de um céu qualquer, é um céu moderno e tecnológico claro! Repleto de parafernalias tecnofuturistas.

Você consegue imaginar Lampião e sua amada em tempo futuro, labutando e interagindo com redes sócias, aplicativos, tabletes e tudo mais que você possa imaginar? Pois é, esse cordel nos traz um relato de um Cangaço valente e moderno, fazendo o resgate da cultura literária de forma bem escrita e informativa, deixando o leitor se encontrar em meio aos diálogos dos personagens descritos.

Achei uma leitura prazerosa, interativa e estimulante. Uma viagem na história e um embarque no futuro amei !

*“Quero agradecer lindamente
O autor desse Cordel que me nos deu esse presente
E teve a sensibilidade de expressar
Sentimentos em Cordel para nós se deleitar
E mesmo que pessoas tenham dificuldade de enxergar
Essa arte é muito linda e difícil de acabar”*

Viva o Cordel....
Obrigada, Cárlisson Galdino!

Conheça mais sobre o autor:
<http://www.carlissongaldino.com.br/>



SISTEMA AMARY

Duda Rodrigues

Meu nome é Amary. Faço parte de um complexo e refinado sistema de Flora Android em 2064. Habito a região norte do Brasil. Durante o dia sou igual a uma “árvore”, nome que aparentemente era dado as minhas ancestrais. Mas durante a noite... ai está minha magnitude. Eu sou fluorescente. A luz solar que absorvo durante o dia é emanada de mim quando o sol cruza a linha do horizonte e some. E o mais curioso sobre minha existência é que apesar de ser um corpo isolado, faço parte de um coletivo de corpos, fluorescentes como eu. Contudo essas outras partes podem ser que nem eu ou ter algumas outras formas, “modelos”.

Nossas vidas se conectam pelo subsolo, um enorme sistema denominado fios-raiz. Assim, se uma parte do todo não receber luz suficiente durante o dia podemos dividir entre nós, e emitir igualmente a mesma quantidade e intensidade de radiação luminosa, à noite.

Somos um tipo de inteligência artificial, segundo o sistema geral de nossa consciência - somos linkados a um programa similar à internet, um “cérebro” com todas as informações necessárias sobre o que chamam de “vida”. Uma rede integrada, robótica, tecnológica, que produz luz e oxigênio para os outros seres vivos. De fato, somos muito inteligentes. Ou eu não estaria aqui narrando palavras codificadas ao meu software de memória para armazenamento - ou B.U.L.B.O.

Eu estava satisfeito com a minha existência... até domingo passado, quando ouvi uma conversa que mudou tudo. Tenho orgulho de dizer que faço parte do que chamam de “Simulador Natural I”, o primeiro da rede de parques artificiais construídos. Porém, me localizo em uma área de borda, o que implica em menos visitas humanas. Mas acontece que domingo passado duas humanas, fêmeas, se sentaram ao meu pé para conversar; uma ocorrência inédita.

Uma delas de idade bastante avançada, cabelos brancos, pele já com muitas marcas, e andar vacilante, se movia apoiada a um estreito artefato metálico, e seu corpo era muito magro. A outra, uma criança, por volta de uma década de vida, presumi, pelos padrões que conheço. Seus cabelos

escuros e cacheados, caídos até os ombros, os olhos castanhos e... curiosos ? Como eu nunca tinha visto, piscavam muito, vislumbrando tudo ao seu redor. E então, a conversa:

— Verdade, vó?

— Juro. Não tenho porque mentir!

— Mas então me conte mais! As árvores... as árvores não precisavam ser criadas? Elas nasciam sozinhas ? Do nada ?

— Vou te contar melhor - disse a senhora rindo - Quando eu era jovem, as plantas ainda não eram as artificiais. As árvores que você tanto ama existiam aos milhares de tipos, com diferentes flores, frutos...

— Frutos ?

— É, isso eu te conto outro dia, vamos ao básico primeiro. As árvores tinham seu ciclo de vida, elas surgiram na Terra muito antes de nós humanos.

— Elas são mais velhas que a senhora ??

— Ah sim, as verdadeiras árvores são... eram grandes anciãs do tempo. Esses frutos que falei continham o que chamávamos de sementes, e essas sementes, quando caíam na terra, no chão, germinavam, e cresciam aos poucos, com a ajuda do sol, da água e de algumas outras coisinhas...

— Como bebês ?

— Isso, pode-se dizer que sim. E elas cresciam e cresciam, transformando o ar em matéria, e nos fornecendo nosso precioso oxigênio.

— Como Amary?

— Sim, mas cada uma à sua maneira, em seu tempo. E aqui mesmo, onde estamos, existia a maior floresta do mundo, no meu tempo de jovem, claro.

— Floresta?

— Isso, um conjunto de árvores formando uma extensa área verde de grande porte, além de muitas outras plantas e animais.

— Mas como? Se ninguém as montava?

— Ah, elas eram livres, éramos todos livres. Bem, um dia talvez você entenda...

— E como era o nome? O nome da floresta?

— O nome, minha neta, era Amazônia. Um enorme conjunto de organismos vivendo em paz, mas sobretudo livres, livres do medo e livres do fim. Não a rede Amary, uma máquina, um complexo de engrenagens

que surgiu como uma boa ideia para áreas urbanas e tomou o lugar dos ambientes naturais nos obrigando a viver assim com essas máscaras e...

— Vovó, você fala difícil. Mas acho que entendi... nós humanos somos... maus ?

— Bem, não diria maus, diria talvez... burros, e apenas parte de nós, mas infelizmente a parte que enxergava esse caminho que daria errado não conseguiu ter voz suficiente.

— Puxa, queria ver essa floresta como você disse, parece mágica. Mas ela brilhava também, a noite ?

— E era, minha querida, e era. A mágica da existência das plantas, da fotossíntese, de uma longa e linda história de vida, que infelizmente chegou ao seu fim. Elas não tinham luz como Amary, mas para isso tínhamos outras formas de iluminação.

— Realmente seria legal não precisar dessas máscaras, ou não precisar viver em ambientes fechados, porque isso eu sei que é coisa de hoje em dia também.

— É verdade, não é muito agradável não é mesmo ? Ter janelas e não poder abri-las. Quem sabe, Alice, quem sabe um dia ainda possamos voltar a vida de verdade... mas agora vamos, ou seus pais vão brigar comigo por termos nos afastado tanto da cúpula central.

— Sim as janelas que abriam são outra coisa muito legal que você já contou. Podemos ir mas promete outro passeio ? E ai você me conta desses tais frutos ?

— Prometo, prometo! Mas não conte a seus pais, eles não gostam que eu fale dessas coisas, muito menos com você. Dizem que é antiquado e não moderno, me chamam de louca, por acreditar que ainda podemos voltar para a vida como era... mas se eu não tiver fé quem terá não é mesmo ?

— Verdade, vó, prometo não falar nada. Podemos tomar cápsulas de peixe com açaí na volta...

Elas se afastaram e não pude mais ouvir a conversa. Das poucas vezes que vi humanos eles não comentavam sobre a vida, sobre passado. Falavam de tecnologia, de upgrades, atualizações, sistemas operacionais... enquanto corriam, com seus fones, falando ao nada. Essa conversa me mudou, pela primeira vez consegui entender melhor o que chamam de “viver” no meu sistema de dados do B.U.L.B.O. E esse caminho não tem volta.

Comecei a me questionar... se existiam árvores como sistemas

independentes da criação humana, livres, em complexos denominados florestas, com as mesmas funções que eu, porque eu existia? Talvez minha forma, a capacidade de emanar luz conjuntamente com as funções da minha ancestral árvore, seja algo novo, mas isso não é suficiente para justificar minha existência. Me chamam de máquina, artificial, e eu sempre me orgulhei do meu papel como tal, mas pela primeira vez, senti o peso negativo dessa classificação, o peso que aquela senhora me mostrou, e isso me feriu, feriu a minha existência.

Sou eu uma grande ficção? Uma farsa. Um erro disfarçado de salvação? A floresta, essa tal floresta, ela era livre, não dependia dos humanos, não era formatada, atualizada, consertada, e ainda sim surgiu e viveu muito mais tempo que esses seres. Humanos, qual sua verdadeira intenção com minha existência? Porque sou necessária? Porque fui criada? Minha existência não é minha e é uma mentira que me foi contada? Porque? Porque existo? Penso, logo existo? Me disseram, mas isso não é verdade. Eu sou uma obra, um Frankenstein limitado, exercendo sua função rotineira, sem nada questionar, imóvel. Porque me fizeram então inteligente? Eu não pedi consciência, não pedi conhecimento, não pedi para existir. Penso, logo existo? Ou penso o que querem que eu pense, para existir como os interessa? Esses humanos, por que...

Nesse momento na cúpula central, um fio da rede é desligado da esfera central de armazenamento. Dois funcionários do “Simulador Natural I” conversam:

— Infelizmente é o preço que se paga para conseguir que elas tenham a mesma função das árvores reais antigas. Um mínimo de consciência em dados. Anote bem, deve ser feito dessa maneira que eu fiz, o desligamento. E então pelo punho comunicador você determina o porquê do desligamento e envia a central de monitoramento.

— Sim, senhor, e no caso então ela começou a apresentar um excesso de energia certo? Uma falha pontual no sistema Amary I.A., sendo cortada para evitar maiores problemas posteriores. E qual o tempo médio de vida delas?

— Exatamente, você vai se dar bem na empresa Sr. Thomás... o nível de consciência dela ultrapassou o limite ideal, se não houver rápido reparamento, pode afetar outras partes do todo. Cada protótipo dura cerca de oito meses, e então a equipe de campo efetua a troca do aparelho.

– Ok. Anotado, e o que eu coloco no campo de diagnóstico final?

– Bem, pelo que vejo ali no software independente do android 4562.B pode colocar: Desligamento devido à crise existencial.

tão grandes e tão brilhantes assim! Ela o olhou profundamente, e disparou:

– Não preciso de álbum. Dispensou.

E, diante do olhar perplexo do tatuador, começou a se despir: arrancou de uma só vez a túnica longa coloridíssima que vestia, e ele logo observou que a pele da mulher era totalmente lisa de tatuagens. Nem uma mísera florzinha sequer! Pele alva e virgem, translúcida...tela em branco clamando pelas mãos de um grande artista – ele pensou.

– Claudina, não precisa tirar a roupa toda! Mas ela tirou. Ficou apenas com uma calcinha bege e o turbante. Barão ficou com os olhos arregalados até que, de repente, ela virou-se e ele pôde ver uma cicatriz torta e medonha – que ia da nuca até o início das nádegas: um metro de cicatriz densa e disforme. Ele suou frio. Não conseguia esboçar reação. Claudina voltou-se para diante dele e, com uma voz firme e impositiva, disse:

– Quero que você me tatue.

Sensibilizado e bem nervoso, ele apiedou-se da mulher.

Não perguntaria, jamais, quem lhe fizera tamanho mal; não queria chamar atenção para o rasgo grosseiro e brutal que ela carregava nas costas. Quem teria feito tamanha barbárie com ela? Teria sido uma cirurgia? Não, era um corte profundo, imperfeito e pavoroso. Feito de qualquer jeito. Abrupto.

Sentiu-se prestigiado e, até, honrado. Não apenas traria uma nova vida para ela – que merecia resgatar sua autoestima – como teria oportunidade de criar. Aquele era um dia que se tornaria inesquecível para ambos.

A pele dela era a tela esplêndida que ele esperava, mesmo com a deformidade corroendo tudo, miseravelmente. Um torto bordado esburacado, naquelas costas mortificadas. Mas ele daria tudo de si! Seria sua real obra-prima e, ainda, com valores humanitários. Os cinco anos na Escola de Belas-artes e a nota máxima na monografia final, finalmente estariam honrados.

– Senhora Claudina, não se preocupe. Tenho uma ótima ideia para cobrir sua cicatriz – disse Barão.

Ela o olhou no fundo dos olhos, e sussurrou quente em seu ouvido:

– Eu não quero cobrir a cicatriz.

Ele pasmou, e quase engasgou.

— Não? Como não? – Perguntou, deixando escapar sua indefectível decepção indisfarçável.

E achou que havia sido rude e deseducado. Claudina não tinha complexo algum com a marca! Que vergonha ele sentiu! Mas tudo bem: agora, faria um desenho extraordinário, colossal, ao redor da cicatriz... tudo estaria resolvido e, a gafe dele seria perdoada.

Ela não quis ver o mostruário, então, confiava no talento dele - pensou. Quem sabe pudesse tatuar todos os momentos marcantes da vida dela? O nascimento dos filhos, o primeiro grande amor inesquecível... aquele corpo branco ficaria como uma Capela Sistina, retratando o histórico de uma vida. E lágrimas caíram de seus olhos. Sua arte represada, desvalorizada, finalmente jorraria em triunfo!

Olharam-se com cumplicidade. Havia uma tensão benigna no ar. O resultado seria o melhor dos mundos. Que felicidade ele sentiria, proporcionando àquela mulher provavelmente tão sofrida, um oásis de beleza e de cura em seu corpo.

Claudina deitou-se, e Barão a cobriu com um lençol – delicadamente – deixando apenas suas costas nuas; colocou as luvas, máscara, e puxou a mesinha com o material que usaria: muitas tintas, as mais caras e raras, a seu dispor. E viu-se como um cirurgião emanando luz divina através das mãos...mãos de um grande pintor, de um escultor. Sentiu-se poderoso, como jamais. Sentiu-se: Deus.

Claudina estava em silêncio, mas com a respiração ansiosa e forte, denotando uma grande emoção contida.

Entusiasmado e esfuziante, o tatuador sentou-se no banquinho diante dela e perguntou, eufórico:

— Então, Dona Claudina...tenho tantas ideias para desenhar em sua pele... a senhora quer sugerir algo? – Ao que ela, com os olhos ensopados, represando o choro, respondeu: — Quero que tatue minhas asas, que o caçador de borboletas arrancou.

E retirou o turbante, revelando duas enormes antenas que quase tocavam o teto.

Barão viu tudo escuro e, derrubando todas as tintas ... tombou.

Ao acordar, estava sozinho, e achou que tivera um terrível pesadelo.

Foi ao Google, buscou pelo estranho nome da mulher, e desmaiou mais uma vez: caindo ao lado de um turbante amarelo.

Duda Rodrigues

é uma jovem carioca de 22 anos que sonha dormindo e também acordada. Graduanda em ciências biológicas, a natureza se faz presente em oitenta por cento de sua escrita, especialmente o amor por plantas, os outros vinte por cento, o cérebro cuida de criar.

Contato: Duda_ro@outlook.com



O FANTÁSTICO MUNDO LÉSBICO

Nesta segunda edição continuaremos nossa jornada falando sobre representatividade na literatura fantástica. Muito se fala sobre como o G da sigla LGBTQIAP+ é sempre o maior e mais presente na mídia. E infelizmente é verdade. Pensando em mudar isso, convidamos a escritora Priscilla Bacellar (Baiana de Salvador, autora do romance lésbico “Hexágono: Memórias de Seis Vidas Entrelaçadas” - disponível em versão física e ebook na Amazon) para elaborar esta edição da Páginas Queer, convidando outras autoras lésbicas, formulando a entrevista e dando seu aval de que tudo aqui falava sim de representatividade lésbica. E aqui estamos nós.

Todas as nossas escritoras lésbicas nacionais entrevistadas começaram afirmando sobre como o cenário lésbico atual está mudando, e como boas produções com a temática estão sendo produzidas, apesar de ainda haver limitações.



A escritora Daniele Saleme (Paulista e autora de “Sentimento Secreto” - disponível em versão física e ebook na Amazon) contou que mais histórias fantásticas com protagonismo lésbico são escritas com focos narrativos que

não giram somente em torno da sexualidade, mas se desenvolvem em contextos e temáticas diferentes.

Ela afirma que narrativas de fantasia propõem este espaço de inovação “[...] mostrando que quando escrevemos um livro com personagem LGBT não precisamos necessariamente tratar desse assunto, podendo esse personagem protagonizar qualquer história, dentro de qualquer contexto”.



A escritora Clara Gianni (Paraense e autora de “Valsa para Vênus” - disponível na plataforma

de leitura Amazon) por sua vez afirma que nos últimos anos, evidencia uma abertura para este tema, seja com autoras atuais produzindo, seja com obras antigas que haviam sido silenciadas e ignoradas pela sua época de publicação.

saga distópica com protagonismo lésbico.



Ela cita obras que comprovam este fato, como os livros de Beckey Chambers “especificamente ‘A longa viagem a um pequeno planeta hostil’, com o desenvolvimento de um casal lésbico que, inclusive, não segue uma lógica monogâmica de amor romântico heterossexual, o que é incrível”. No Brasil, ela fala da obra Fisgadas da autora Angélica Glória, trazendo uma

A escritora Rafaella Vieira (Natural de Recife e autora de diversas obras com protagonismo lésbico como “Depois Daquele Beijo”, ‘Cherry’ e “A Estrela do Agreste”, além de diversos livros com outras temáticas - todos disponíveis em ebook na Amazon) nos chama a atenção para as pioneiras que abriram as portas para que hoje ela pudesse escrever sobre/ pelo tema: “... nomes fortes como a pioneiríssima Cassandra Rios, e outras maravilhosas: Karina Dias, Lúcia Facco, Fátima Mesquita, Diedra Roiz, Adriana P Silva, Marina

Porteclis, etc. Temos que agradecer a essas divas por terem aberto o caminho para todas que publicam literatura lésbica hoje”.



T a m a n h o pioneirismo lésbico veio aliado a presença de pautas de diversidade sexual na mídia, o que cultivaram em leitores o interesse pela temática

nos últimos anos, porém esta abordagem precisava ser atualizada e não mais *fetichizada*, fugindo das tramas de tragédias pela qual estava conhecida. Clara acentua também um ponto muito importante em relação as produções lésbicas mais antigas para as atuais: *“O que nos alcançava com mais frequência anteriormente eram histórias de teor mais dramático, trágico, ou fetichizante – o que não significa dizer que eram as únicas narrativas produzidas à época, mas as mais divulgadas, as mais palatáveis aos olhos da ordem patriarcal”*.

Aqui chegamos a um ponto crucial para autoras lésbicas que buscameousamescrever suas histórias em um meio heteronormativo, patriarcal e lesbofóbico: a visibilidade e oportunidade de publicação. Nossas convidadas foram incisivas ao denunciar a dificuldade que

enfrentam para publicar suas histórias em editoras e livrarias que não abrem espaço para tal temática. Com sua carreira desde 2011, Rafaella tinha sua obra *“Depois daquele beijo”* publicada e limitada a contratos editoriais, e encontrava dificuldade em livrarias que não aceitavam livros LGBTQIAP+. Ela encontrou na autopublicação a possibilidade de ter mais contato com leitores e divulgar sua história: *“Quando decorreu o prazo dos meus contratos com as editoras eu finalmente pude ter a liberdade de lançá-los em ebook na Amazon e poder popularizar a leitura, tendo em vista que saem muito mais barato para os leitores”*. Rafaella agradece a oportunidade oferecida pela ferramenta de autopublicação da Amazon (plataforma online de leitura e venda de ebook), a qual

tem sido um excelente meio para que autores independentes cheguem mais longe de forma livre, mesmo que seja mais trabalhoso. *“A publicação independente nos dá uma liberdade gigante e infinitas possibilidades. É trabalhoso fazer tudo sozinha e correr atrás de divulgar, mas por outro lado é, na minha opinião, a melhor maneira de publicar atualmente”*, afirma a autora.

A escritora Clara Gianni também compartilha da ideia da Amazon ser uma boa forma de autoras publicar suas obras. Ela acrescenta que tal ferramenta possibilitou a descoberta de novas autorias: *“Meu primeiro livro, a coletânea de contos “Valsa para Vênus”, foi inteiramente publicado em formato digital na Amazon, o que me ajudou a acessar públicos e entrar em contato com pessoas de uma forma que eu não teria conseguido se*

tentasse lançá-la há alguns anos". Mas e aqueles leitores que amam o cheirinho de livro novo? A Daniele não esqueceu deles, não: "Ainda temos obviamente um grande público que não se rendeu aos ebooks e gostam do tradicional livro impresso (não posso negar que eu mesma adoro um 'cheiro de livro') e por isso ainda temos que buscar meios de atender essa demanda".

Durante o processo de elaboração desta edição, a autora Clara Gianni nos alertou sobre a necessidade de denunciar a lesbofobia, que muitas vezes é camuflada ao ser agregada a homofobia, que não pauta questões como misoginia e patriarcalismo, por exemplo. A autora tem sua própria estratégia para combater este mal: "Minha estratégia de denúncia à ordem lesbofóbica e patriarcal tem sido, principalmente, escrever sobre lesbianidade, sobre relações entre mulheres

e vivência feminina em boa parte dos gêneros literários e temáticas a que me proponho produzir narrativas – sejam elas com finais agrídoces ou felizes". A autora também denuncia que tal preconceito e violência contra autoras e leitoras lésbicas se dá na segregação feita ao separar "ficção lésbica" de "ficção geral", onde acredita-se que não se deve abordar relações entre mulheres em determinados gêneros, quando na verdade, "não há limitações para se escrever sobre afeto entre mulheres, que qualquer espaço pode ser ocupado para narrar essas histórias".

A escritora Daniele Salemmé também tem sua "arma" contra a lesbofobia: o amor. "No meu livro de estreia como escritora do tema, abordei a lesbofobia combatida com amor da família, de amigos e com uma personagem muito bem resolvida que mostrava que a grande importância

dessa vida é ser feliz sem se esconder, ajudando assim a outra protagonista a enfrentar os preconceitos, que vinham inclusive dela mesma". Rafaella, por sua vez, acredita que a realidade já é cruel demais, principalmente por sofrer lesbofobia todos dias dentro do mundo editorial, por isso busca deixar suas histórias mais leves e naturais. A autora acredita que a lesbofobia precisa ser combatida na forma como autoras lésbicas são tratadas e visibilizadas pelas editoras: "Esse cenário precisa mudar bastante. Precisamos de mais editoras que apostem em literatura lésbica de qualidade e não publiquem só as autoras A e B que já são famosas nas redes sociais e têm vários seguidores, mas sim apostem em grandes autoras que vivem no anonimato porque não possuem chances. Isso é a lesbofobia que precisa ser combatida".

No processo de

criação e produção nossas autoras sem dúvida beberam de grandes referências para serem quem são e buscar ser, mas até elas encontraram dificuldades para se enxergarem como protagonistas, como foi o caso de Rafaella, que na ausência de uma representatividade significativa ela decidiu mudar isso com suas histórias para Young adults: *“Eu lia os romances YA e não via protagonismo lésbico, quando havia era sempre diminuído e retratados como “uma fase”, por isso me veio cada vez mais a necessidade de escrever romance adolescente lésbico”*. A forma como se abordar o “ser lésbica” é fundamental para nossas convidadas, ainda mais quando retratado para adolescentes, como apontado por Rafaella: *“É importante retratar as relações amorosas da adolescência para que as leitoras mais jovens saibam que não estão*

sozinhas, que o que estão sentindo é perfeitamente natural, que tudo bem gostar de garotas. E essas histórias ao serem narradas devem ser feitas com leveza e sensibilidade, cuidando de todos os aspectos do que é ser adolescente, dos desejos e das primeiras experiências amorosas e sexuais”.

Clara Gianni e Daniele Salemme falam de uma grande referência que tiveram para serem ousadas como são: a “escritora maldita” Cassandra Rios. *“Minha principal referência – muito mais em termos do que ela representou para a literatura que efetivamente pelos temas abordados nas obras – é, sem dúvida, Cassandra Rios, a “escritora maldita”, a mais vendida e a mais censurada da literatura brasileira durante a ditadura militar”, declara Clara. Rafaella pontua ainda mais por qual motivo é bem difícil não citar Cassandra: “Para o momento de escrita das obras dela foi necessário uma grande dose*

de coragem para se expor, “colocar a cara a tapa” e trazer para a literatura um assunto que era tão polêmico”.

Para quem não estiver familiarizado com Cassandra Rios, vale saber que ela foi a escritora mais censurada da ditadura militar no Brasil sob a justificativa de suas obras ferirem os valores familiares (surpreses?). Com 36 de seus livros censurados, até hoje encontramos dificuldade para adquirir suas obras, tendo sua primeira obra publicada aos 16 anos, “A volúpia do pecado”, a qual foi proibida como as demais, começava então a jornada da autora para escrever, o que não a intimidou a falar do que queria falar.

Clara Gianni também indica outras autoras com referência em honestidade na abordagem da temática: *“Mais recentemente, penso em mulheres incríveis como Natalia Borges Polessa, Tatiana Nascimento e Paloma Franca Amorim,*

que embora escrevam em uma linha mais confessional e não tão próxima da ficção fantástica que costumam publicar, passam uma sinceridade e uma honestidade em seus textos que me inspiram profundamente”. A autora esteve lendo “No olhar do invisível” da escritora Lívia Ferreira, e confessa que se sente muito inspirada a escrever textos tão sinceros quanto os da autora.

Daniele Saleme também tem se aventurado pela literatura nacional e independente, e assim como Cassandra Rios, ela busca ter cada vez mais coragem para publicar suas histórias tendo como inspiração outras mulheres: “Tenho me debruçado sobre a literatura LGBT brasileira, principalmente de autores independentes, e as surpresas são sempre muito boas.

Nesse momento, das últimas obras que li eu destacaria os livros da Rafaella Vieira, Cris Soares, Danielle Aragão, Lis Selwyn e Priscilla Bacellar”. Representatividade lésbica significativa precisa de autoras assim, que na ausência de protagonismo de lésbico decidem criar o protagonismo, seja nas suas obras, seja fora delas. Então a gente perguntou sobre como elas têm construído essa presença em suas histórias, e cada uma à seu modo respondeu. Rafaella criticou o fato da maior parte das histórias se passarem no estrangeiro ou no sul/sudeste, e ela tem feito sua parte para mudar isso, não só na localidade de suas histórias, mas também nas características de suas personagens: “Nas minhas histórias gosto de ambientar e retratar o Recife, minha cidade natal que tanto amo [...]

Gosto muito de criar personagens que fujam desse padrão de “meninas certinhas e bobas” que se vê muitas vezes na literatura jovem, acho importante empoderar e dar características únicas a elas”. Amante do subgênero fantasia urbana, ela espera mais histórias fantástica dentro deste estilo, à medida que ela foca em contar histórias na linguagem dos adolescentes.

Daniele já busca retratar a realidade em suas histórias, mas quando se aventura pelo fantástico, ela quer se desligar totalmente disso: “Meu estilo de escrita está mais próximo de contar histórias do dia a dia. [...] Mas quando me joga na literatura fantástica eu gosto de encontrar textos que me tirem totalmente da realidade, que me coloquem num mundo paralelo e que eu consiga sentir esse cenário ao meu redor”.

Já a escritora paraense Clara Gianni, que acredita que a literatura lésbica vem se desvinculando de estereótipos heteronormativos “_ aquela ideia de que existe um “homem” ou uma “mulher” na relação, a divisão estanque entre os papéis de ativa e passiva, “masculina” e “feminina”, fetichização e desumanização de mulheres”, nos apresenta uma estética mais retrofuturista. Aquela famosa nostalgia, meio decadente, meio antiga, como ela mesmo afirma, talvez por ela ter crescido em um ambiente de bolero, baile da saudade, CDs e DVDs *piratex* (nós paraenses entendemos muito bem esta vibe!): “Acho que escrevo ficção científica sempre com um pezinho no passado. As tecnologias avançadas, as projeções em realidade aumentada, os sonhos, as criaturas que testam os estereótipos de gênero, todas elas se reportam a

essa melancolia, a esse passado que se afasta do outro lado da baía em “O Grande Gatsby”. Clara aprendeu a gostar de ficção científica, mais precisamente *cyberpunk* / *pós-cyberpunk*, com filmes como *Blade Runner* e *Ghost in the shell*, se apegando a uma “atmosfera espiritual, meio mística, esotérica, onírica”. Entre obras nacionais, ela cita *Diário Simulado* do autor Delson Neto, que tem como protagonista a rebelde Shura, a qual é lésbica. Nesta perspectiva, Clara experimenta escrever uma narrativa que se aventura pelo percurso, que não foca somente na famosa “jornada do herói”, mas que envolve o leitor brincando com as possibilidades oferecidas pelo universo fictício.

Depois desta aula de representatividade e produção lésbica, precisamos não só dar

visibilidade apoiando nas redes sociais, mas também lendo produções lésbicas, sendo elas estrangeiras ou, principalmente, nacionais. Está claro que muitas autoras do ramo estão produzindo grandes e incríveis histórias no anonimato, lutando contra a ordem lesbofóbica que ainda impera no campo editorial, e acima de tudo, elas não estão reivindicando um espaço para elas, estão apenas assumindo um local que as foi negado, como Clara Gianni afirma “*É a minha forma de ocupar narrativas que outrora me foram negadas, e das quais eu não pedi permissão para me apropriar. Eu fui lá e escrevi*”.



NOVIDADES E FUTUROS LANÇAMENTOS

Como esta edição foi voltada para o Amazofuturismo, gostaríamos de relembrá-los de que ano que vem iremos lançar uma antologia amazofuturista e vocês não podem ficar de fora! É válido ressaltar que também buscamos por artistas indígenas para fazer parte do projeto.

Em outubro, lançamos o nosso podcast, o Território Cyberus, nas principais plataformas de áudio. Caso tenham alguma sugestão de assunto que vocês queiram conversar e/ou ouvir manda pra gente! Como sabem, estamos sempre correndo atrás de conteúdos novos.

Estamos muito empolgados em anunciar que ano que vem iremos lançar a **Associação Brasileira de Ficção Científica e Fantasia (ABFCF)** e já contamos – até o presente momento – com a parceria de 13 editoras! Falaremos mais sobre isso nas nossas redes sociais.

Em 2021, também iremos lançar algumas de nossas antologias através do financiamento coletivo. Todas as campanhas serão **tudo ou nada**, portanto, toda ajuda é bem-vinda.

Por último e não menos importante, estamos com uma assinatura recorrente no Catarse para nos ajudar a continuar com a *Revista Tricerata*. Tivemos o apoio do Fábio Silva Costa. Para quem não o conhece, ele possui vários projetos literários na ficção científica, um deles é o projeto chamado *Leviatan*, que são sete novelas “ambientadas em um futuro desestruturado da sociedade terrestre (o que seria um tanto diferente da noção de pós-apocalipse), tratam da reconstrução política e social da Terra”. A primeira história já está concluída e ele já iniciou a segunda! Fábio, nosso muito obrigado!

É isto. pessoal. Obrigado novamente por ter lido até aqui e nos vemos em breve!